

AS PRÁTICAS DE LEITURA E O PERCURSO FORMATIVO DE PROFESSORAS NO MUNICÍPIO DE AMARGOSA-BA

Autora: Érica Desterro
Co-autoras: Diana Gonçalves Figueiredo
Rosamaria Guimarães

Este artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa em andamento sobre as memórias e experiências de leitura/ de formação de professoras da rede pública e privada do município de Amargosa - Bahia. O objetivo desse estudo é contribuir para a reflexão acerca das práticas leitoras desenvolvidas pelas professoras que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental e compreender como foi construída — ao longo de suas trajetórias — sua relação com a leitura, analisando de que forma tal relação influencia a atuação delas como docente. A opção metodológica pela abordagem autobiográfica justifica-se, nesse caso, pela possibilidade de mobilização, no professor, de um emergir de um conhecimento de si, além de um deslocamento para uma posição analítica sobre as suas experiências leitoras. Ao contar suas histórias de leituras e rememorar seus percursos de formação, as professoras recordaram de lembranças vagas do primeiro contato com a leitura e da participação da escola na relação com o mundo dos livros. Diante dos relatos das entrevistadas, nota-se que o material de leitura mais acessível para a maioria era o livro didático. Muitas lembranças ainda fixas remetem à leitura como histórias contadas por parentes ou pessoas próximas da família, ou ainda de livros passados de irmão para irmão.

Palavras-chave: **Práticas de leitura. Histórias de vida/de leitura. Percurso Formativo.**

INTRODUÇÃO

Bem antes do acesso à escolarização temos contato com o mundo escrito e, conseqüentemente, com o mundo da leitura. Lemos imagens, compreendemos símbolos, vemos sinais e signos e assim vamos gradativamente decodificando o mundo à nossa volta. Nesse contexto, cabe dizer, portanto, que as práticas leitoras de um indivíduo indubitavelmente revelam seus feitos, seus interesses, a bagagem de conhecimento que este possui e o uso que o mesmo faz desta gama de informações cotidianamente.

Reconhecendo a importância da leitura no processo de desenvolvimento integral dos indivíduos, os estudos em torno dessa temática têm crescido de forma surpreendente nas últimas décadas. O leitor e sua interação com o texto têm sido extremamente analisados pelos

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

“olhares” de professores, psicólogos, psicolinguistas, bibliotecários e uma infinidade de pesquisadores. Entretanto, a despeito do aumento do número de estudos, o leitor que se pretende formar, aquele que consegue interagir com o texto, dialogando com ele, continua sendo um desafio.

A preocupação dos estudiosos sobre o tema passa a recair então para o professor e sua atuação. Indaga-se sobre a formação leitora deste profissional, reconhecendo a importância do seu papel no desenvolvimento de novos leitores. As pesquisas recentes giram muitas vezes em torno da busca de respostas para questões como: O professor, aquele que será o mediador da leitura, lê? Lê o quê? Qual seu perfil leitor, sua história de vida/de leitura? Qual a concepção de leitura que embasa sua prática docente? Qual papel ele atribui à leitura na formação de seus alunos? Qual relação seus alunos conseguem estabelecer com aquilo que leem?

Sabe-se que a formação da criança leitora, aquela que está na Educação Infantil ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental, dar-se-á fundamentalmente pelas ações e propostas desenvolvidas por seus professores. Entretanto, ao analisarmos algumas práticas leitoras desenvolvidas por estes profissionais observamos atividades de leitura fragmentadas, pouco motivadoras, centradas na leitura de trechos de textos literários presentes nos livros didáticos, cuja finalidade está muitas vezes em se dissecar o texto ou em utilizá-lo para se trabalhar gramática ou outro conteúdo do currículo escolar. Isso tudo é atestado pela opinião de autores como Kleiman (2002):

[...] o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino da língua. Kleiman (2007, p.30)

A leitura, colocada num patamar muito mais fictício do que real, passa a ser uma prática sem intenção dentro das instituições escolares. As crianças não veem sentido em ler livros e textos e, já que as atividades vivenciadas não favorecem a sua formação leitora nem o desejo de ler, tornam-se adultos sem esse hábito.

Os que optam pela docência como profissão recaem no erro de um incentivo à leitura de modo vago, visto que não têm precedentes de práticas leitoras em suas respectivas histórias de vida. Paulino (2011) vem desenvolvendo pesquisas sobre a formação leitora literária dos

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

professores das séries iniciais do Ensino Fundamental e alerta que estes profissionais quando começam a atuação nas escolas:

“(…) não têm facilidade de se apresentarem como modelos de leitores para seus alunos, o que constitui um dos agravantes do baixo nível de motivação para a inserção desses alunos no mundo da escrita, seja ela literária ou não”. (Paulino, 2011, p.2)

Nesse âmbito será realizada, nesse estudo, uma análise da história de vida/de leitura de algumas professoras e qual a relação entre as situações e experiências leitoras vivenciadas e sua prática como formadora de novos leitores. Ou seja, profissionais da educação que, no decorrer da sua vida, criaram um hábito de leitura sistematizado, intencional, satisfatório passam a influenciar positivamente na relação de seus alunos com a leitura? Que usos se faz desse hábito adquirido no momento de atuação em sala de aula? E quando os professores não têm esse hábito? E os alunos? Eles “enxergam” a leitura como algo imprescindível à sua formação ou essa prática é sem sentido em muitos momentos?

Vale ressaltar que não há intenção, no decorrer da pesquisa, de desprestigiar a leitura como instrumento de fruição e imaginação para as crianças, mas o de observar como os profissionais lidam e contribuem para o desenvolvimento da concepção que seus alunos têm sobre o ato de ler. Faz-se necessário, então, uma reflexão sobre essa maneira de se colocar a leitura dentro da escola, fazendo uma “ponte” entre o modo de estímulo, o tratamento às práticas de leitura e os profissionais que estão fazendo o papel de impulsioná-las a seus educandos/as.

Segundo (AZEVEDO, p.1):

Raramente, porém, talvez por não terem experiência, lembram-se de comentar, por exemplo, que a leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação. O contato com adultos pseudo-leitores e com idealizações infelizes a respeito da literatura e da leitura, de qualquer forma, tenho certeza, não tem contribuído para a formação de novos leitores.

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

É inegável a importância da leitura na formação e desenvolvimento integral dos alunos. Os estudantes necessitam da imaginação propiciada pela leitura de livros literários bem como dos conceitos formulados em livros didáticos das diversas áreas do conhecimento e em textos informativos, como mapas, notícias e tantos outros. Assim, o papel da escola e dos profissionais imbuídos da responsabilidade de educar é formar um leitor que reconheça os diferentes usos e modos de leitura, como diz Soares (2004) ao problematizar sobre o verbo ler e a importância de se formar um leitor competente: “Ler, verbo transitivo, é um processo complexo e multifacetado: depende da natureza, do tipo, do gênero daquilo que se lê, e depende do objetivo que se tem ao ler”. Barthes (1977) aponta também a necessidade de se pensar em um leitor que consiga mergulhar no texto, confundindo-se e entrelaçando-se com ele, tecendo diálogos com o lido em busca de sentido, tal qual uma aranha:

Texto quer dizer tecido; apesar de até agora ter sido tomado como um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido, [...] o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido- nessa textura- o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. (Barthes 1977, p.82-83)

Mas, como formar esse leitor? A escola necessita, em primeiro lugar, retirar a leitura do lugar de obrigação, de uma leitura que “vale ponto”, pois isso contribui para que a relação entre o texto e o leitor já nasça fadada ao insucesso e o interesse pela leitura muitas vezes não consegue ser promovido nesse contexto; muito pelo contrário.

Um olhar sobre as atividades de leitura desenvolvidas na maioria das escolas mostra que o texto que se conhece nas escolas é tão fragmentado, limitado e escolarizado que o aluno já o lê achando que terá que “prestar contas” do que leu.

Paulino (2008) atenta ainda para algo importante nessa discussão: o fato de que nas escolas os textos literários têm sido “(...) lidos e tratados como as notícias do maremoto: quantas foram as vítimas, como sucedeu o evento, que países atingiu, por que não houve dele previsão?” Dessa forma, o que se observa é uma tentativa inadequada de se “estudar” o texto literário, o que vem historicamente afastando os alunos dos livros à medida que não reconhecem a leitura como fonte de prazer.

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

Azevedo (2001) chama a atenção para alguns aspectos a serem considerados ao se pensar em formação leitora. Estes serão listados a seguir:

- a) A necessidade do contato com uma quantidade de livros que abordem temáticas distintas (ponto favorável também para expansão das formas de linguagem e comunicação) para uma ampliação do modo de conceber a leitura e, assim, usufruir da mesma;
- b) Os livros didáticos não contribuem para a formação de leitores. Os livros desse modo fazem o indivíduo encarar a leitura, mesmo de um poema, por exemplo, como uma obrigação, buscando apropriação do tema devido à cobrança posterior.
- c) A imprescindível comunhão e o sentimento da necessidade do capacitar-se para ler, como já foi falado, dos envolvidos no processo de apropriação da prática leitora. É preciso perceber a necessidade de uma comunhão entre os seres envolvidos nesse processo já que o apreço pela leitura exige esforço, tempo e persistência;
- d) Uma leitura para além de clichês, dessa coisa mágica de “viajar na imaginação”;
- e) A troca de experiências entre alunos e professores, para que o incentivo à prática leitora não seja apenas do educador. Aqui é preciso uma revisão do que se concebe como “adequado” para a leitura em cada faixa etária;
- f) A leitura precisa se tratada como algo que traz à tona as complexidades e ambiguidades da vida humana, como um ponto de reflexão minuciosa das relações sociais de contexto, por exemplo.

Diante disso, recorreremos à realização desse estudo baseando-se na análise qualitativa de narrativas autobiográficas de profissionais da educação, acreditando que a reflexão sobre suas histórias e memórias levará à identificação de marcas da formação nas práticas escolares que favorecem ou não o contato entre eles, seus alunos e a leitura. Isso por que:

(...) o professor encontra-se num cenário em que é pertinente refletir sobre si, como profissional e como pessoa, dado que são dimensões inseparáveis. Diante desse contexto, compreende-se que as autobiografias podem auxiliar na identificação dos novos sentidos que os professores atribuem ao seu pensar, fazer e sentir. (SOARES/SOBRINHO p.2)

Como já foi dito, muitos trabalhos atuais versam sobre a questão da leitura no nosso país. Alguns sobre a crise do uso dos livros, outros sobre a leitura enquanto uma prática cultural que ocorre em contato com o mundo anterior a entrada dos indivíduos na escola. Nesse estudo, buscou-se, por meio da realização de questionários, identificar, no percurso de vida de professores, as experiências leitoras e o que delas sobrevive nas práticas escolares destes profissionais. Optou-se por esse modo de análise biográfico acreditando que este surge

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

”(...) como resultado de considerações epistemológicas e teóricas na perspectiva de por em prática uma tomada de consciência dos processos pelos quais os adultos se formam”. (SOARES/SOBRINHO p. 4)

A tomada de consciência de fatos inerentes à própria vida é essencial para que os profissionais se reconheçam em suas próprias práticas. Acreditando na premissa que mostra a inegável influência que nossos repertórios de leitura exercem nos leitores que nos tornamos ou que nos deixamos de nos tornar, serão apresentados a seguir os resultados obtidos a partir da pesquisa realizada com seis profissionais da educação no município de Amargosa a respeito dos seus contatos com o mundo da leitura, sistematizada no âmbito escolar ou não, no sentido de perceber o quanto essa aproximação concede a estas pessoas um determinado modo de encarar e apresentar a leitura aos seus educandos.

HISTÓRIAS DE VIDA E PERCURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A opção metodológica pela abordagem autobiográfica justifica-se, nesse caso, pela possibilidade de mobilização, no professor, de um emergir de um conhecimento de si, além de um deslocamento para uma posição analítica sobre as suas experiências leitoras. A pesquisa em desenvolvimento é de cunho qualitativo e, ao utilizar como método a (auto) biografia/histórias de vida/de leitura, fundamenta-se nos estudos de autores como Nóvoa (1997), Larrossa (2001) e Sousa (2006), que concebem essa abordagem como importante instrumento formativo e autoformativo através do qual os atores/professores conseguem, a partir da compreensão e valorização das suas experiências pessoais, ressignificar seus processos formativos de leitura e suas histórias de vida, buscando novos caminhos para ultrapassar os desafios enfrentados na sua atuação como profissionais e como formadores de novos leitores.

As histórias pessoais de leitura e percursos de formação – infância e leitura - dos profissionais que contribuíram para essa pesquisa trazem impressos lembranças de um tempo em que o livro era um objeto quase inexistente do cotidiano de algumas pessoas.

Ao rememorar a sua trajetória leitora, a professora Máisa afirma:

Vivi toda a minha infância com minha família, pessoas que não tinham o hábito de ler. Na minha casa não tinha livros, exceto aqueles livros didáticos da escola que não eram devolvidos no fim do ano

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

letivo. Meus pais não estudaram, portanto, nunca leram para mim e também não compravam livros. Dentre os brinquedos que ganhei, nenhum deles foi um livro. Na comunidade rural onde vivi, brincava com amigos e primos que tinham o mesmo nível de escolaridade que o meu ou com outros que ainda não haviam sido alfabetizados, e que também não conviviam em um ambiente propício à leitura.

Para muitos professores hoje em atuação no município de Amargosa, a exemplo do que acontecia com a professora que nos dá o relato, a existência de livros nas casas em que viviam era escassa e somente tinham acesso a livros religiosos como catecismos, livros de orações ou até mesmo a Bíblia, principalmente pela forte presença da figura da avó, enquanto maior influenciadora no ambiente doméstico.

Muitos se apropriam da leitura por intermédio dos irmãos mais velhos, dos primos, de tia, do avô ou da avó, e, muitas vezes, estes deixaram marcas no seu processo de formação de leitor mais significativas que o próprio espaço escolar. Assim foi para a Prof.^a Valdeci que diz: “Dona Lurdes, uma senhora professora (minha vizinha), era quem me ajudava a ler e escrever. Contava histórias para os mais velhos”.

Rememorando as experiências que marcaram o início da vida escolar, principalmente quanto ao aprender a ler, a Prof.^a Maísa faz um relato:

Lembro muito bem do meu caderninho da escola com meu nome escrito enquanto eu copiava nas linhas traçadas abaixo. Recordo-me também de algumas músicas cantadas, de algumas tarefinhas, de algumas atividades de matemática, rodas de leitura do livro didático (conteúdo de história), etc. Não me lembro de muitas histórias literárias que a escola dispunha, tinha a coleção dos Irmãos Grimm.

No período da adolescência, relatos citam que a maioria dos professores não exercia atitude de incentivo com a leitura, mas sim do estudo dos conteúdos específicos de cada disciplina. Durante essa fase, ao rememorar os lugares que marcaram o encontro com a leitura em muitos relatos aparece a lembrança da biblioteca do colégio em que estudavam, principalmente porque muitas vezes o contato com os livros literários acontecia nesse espaço. A Professora Nélia cita a casa da tia que morava na capital do Estado como uma memória forte relacionada com a formação leitora, pois lá havia diversos livros.

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

A ida a Salvador era motivo de alegria sempre. Minha tia tinha muitos livros e eu sempre ganhava de seus primos livros usados. Isso acabou sendo um estímulo, mesmo que não intencional para o gosto pela leitura. Esse contato possibilitava um desenvolvimento melhor para mim na escola na parte de escrita, como o vocabulário.

Em se tratando das experiências com a leitura no ensino superior, para algumas ocorreu uma forte mudança dos tipos de textos e livros lidos. E assim foi para a prof^a. Maísa:

Na graduação fui “obrigada” a me inserir numa cultura diferente daquela que estava habituada. Foi preciso ler cotidianamente e mais difícil ainda: aprender a ser uma leitora. Nunca tive muita dificuldade para escrever, contudo, nunca convivi em um ambiente que me incentivasse a ler.

Muitos falam sobre o ingresso na universidade como fato que representou uma virada na formação de leitor, principalmente em relação ao ritmo da leitura que é outro, exigindo bastante tempo e alto nível de complexidade para compreensão das leituras realizadas. Quanto às práticas de leitura hoje em dia, as professoras falam dos textos de literatura contemporânea. Assim é para a prof^a. Carla:

Leio hoje textos de Literatura Contemporânea, porque os textos literários em si já estimulam a imaginação, a criatividade e mexem com os sentimentos, mas os contemporâneos, por serem mais biográficos, conseguem me envolver ainda mais.

A pesquisa a partir das histórias de vida/de leitura dos professores vem permitindo resultados positivos também porque permite uma fuga dos estudos centrados no racionalismo científico e no automatismo das ações. Consegue, dessa forma, instaurar, entre pesquisadores e pesquisados, um novo pensar sobre os processos e instrumentos formativos, já que as experiências pessoais são fundamentais para o desenvolvimento individual e profissional do ser humano que, ao narrar suas histórias, narra-se e ressignifica suas experiências, vivências e aprendizagens.

É daí que se observa, nesse processo de rememorar e narrar as suas histórias pessoais de formação e de leitura, que as professoras têm refletido sobre o impacto e/ou contribuição da sua formação pessoal e escolar para a sua constituição leitora. A maioria das professoras enfatiza a insatisfação com o fato de que a escola não conseguiu ter papel significativo na sua formação leitora. Para a prof^a. Nélia, “a escola em si não foi incentivadora da prática leitora, apesar da função de ‘ensinar’ a ler.”. Como consequência dessa experiência de rememoração

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

há uma reflexão sobre a atuação hoje como docentes responsáveis pela mediação e formação de leitores, pois como afirma (Moraes, 2001):

Quando conta a sua história, o sujeito narra o seu percurso de vida, narra o seu percurso de vida e passa a retomar alguns sentidos dados ao longo dessa trajetória, mas não só isso, passa também a redefini-los, reorienta-los e, principalmente, a construir novos sentidos para essa história. A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos; ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história refletir e avaliar um percurso compreendendo o seu sentido, entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele... (p. 183)

Algumas das professoras que contribuíram para essa pesquisa finalizaram suas memórias enfatizando que não se consideram os formadores de leitores que deveriam ser e relacionam a formação que tiveram como essencial para a sua atuação profissional hoje. É o que fala a professora Nélia:

O dia a dia não ajuda, muitas questões passam a tomar o lugar da leitura no cotidiano da sala de aula. Mas sempre que posso procuro selecionar livros que julgo interessante para as vivências dos alunos, desenvolvendo projetos com outras professoras, como o da ciranda de livros, entre outras ações.

Ainda assim, a Prof.^a Carla ressalta que se considera uma docente que está desenvolvendo no dia a dia uma prática que tenta ser diferenciada e acredita estar tendo êxitos.

A professora Carla ainda ressalta que para os professores conseguirem promover nos seus alunos o desejo de ler, é necessário que tenham uma formação que no mínimo fomente a importância do professor leitor e o instrumentalize para ter uma prática diferenciada, ressaltando ainda a importância de se ter na escola um ambiente propício à leitura, além do apoio da instituição escolar que trabalha para desenvolver oficinas e projetos de leituras que envolvam não apenas os alunos, mas também seus familiares.

A Prof.^a Nélia, por sua vez, expõe em sua fala a questão do currículo e descreve que:

É necessário um currículo bem estruturado, uma harmonia entre as professoras de cada turma da escola, entendendo a aprendizagem como um processo em que um momento depende do outro para acontecer de uma ou de outra forma, profissionais mais capacitados, momentos com as famílias, pois esse incentivo para o ato de ler não

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

deve se restringir apenas aos professores. Considero que mais projetos interdisciplinares podem ser benéficos se bem conduzidos também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contar suas histórias de leituras e rememorar seus percursos de formação, as professoras recordaram de lembranças vagas do primeiro contato com a leitura e da participação da escola na relação com o mundo dos livros. Diante dos relatos das entrevistadas, nota-se que o material de leitura mais acessível para a maioria era o livro didático. Muitas lembranças ainda fixas remetem à leitura como histórias contadas por parentes ou pessoas próximas da família, ou ainda de livros passados de irmão para irmão.

Percebe-se pelas falas das professoras que retomar essas experiências traz à tona ensinamentos e sentimentos relativos a lugares, pessoas, gestos e às práticas de leitura e, nessas trajetórias, ausências são determinantes, citadas por cada uma delas de incentivos, recursos financeiros e de acesso aos livros. Entretanto, embora provenientes de famílias de baixo poder aquisitivo e de terem pais que não possuíam altos níveis de escolaridade, elas continuaram firmes em sua opção pela docência, cientes das dificuldades que encontrariam e ainda hoje vivem. Elas citam as adversidades encontradas na luta para ingressar na universidade e o quanto a entrada nesse espaço modificou de forma significativa suas histórias de vida, representando algumas vezes mudança de cargo, de salário, de rotina e principalmente estabelecendo novas possibilidades pessoais e profissionais, além de uma nova visão de mundo.

Acreditando na valorização do saber da experiência, como disse Larrossa (2001, p.27): “É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca ou que nos acontece, e ao passar-nos, nos forma e nos transforma [...]”, a proposta é dar continuidade à pesquisa, buscando mapear, dentre as profissionais do município que são responsáveis com a formação leitora de crianças, suas concepções de leitura, suas representações e marcas leitoras, seus repertórios e práticas socioculturais de leitura vivenciadas ao longo das suas trajetórias de vida, dentro e fora dos espaços escolares.

Nosso propósito com o trabalho é o de relacionar toda a trajetória de vida e de formação leitora com as práticas desenvolvidas pelos profissionais de educação, ressaltando o quanto esse incentivo à leitura nas escolas de Amargosa pode estar sendo feito de forma vaga, sem a

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

devida intencionalidade. Também pretendemos identificar as lacunas nos percursos de vida e na formação inicial e continuada dos educadores para que a socialização desse estudo possa contribuir para a necessidade de uma tomada de consciência que nos conduza a uma postura diferenciada no âmbito da condução do ensino e da formação de leitores, pois, como afirma Kramer (1996):

Nosso desafio é, a partir das diferenças e sem negá-las, captar como uma história de vida se apresenta e se comunica com outras histórias, como várias vidas são perpassadas por uma mesma história abrangente; enfim, como a presença do coletivo se explicita nos relacionamentos cotidianos, nas práticas sociais e emergem nas narrativas dos professores (1996, p.25).

Diante disso, é importante considerar que nesse trabalho caberá aos pesquisadores sincronizar as informações e as trajetórias de cada professor colaborador com as práticas leitoras desenvolvidas nas escolas na busca dos resultados esperados, entendendo como essencial repensar a formação leitora dos educadores, pois, dessa forma, estaremos dando um importante passo na construção de uma educação na qual os docentes sejam agentes de um novo pensar/fazer pedagógico e leitor nas escolas e espaços que atuam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje**. 2001. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Aspectos-da-literatura-infantil-no-Brasil.pdf>. Acesso em setembro de 2013.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 82,83.

_____. **Contribuições para a leitura literária de educadores das séries iniciais do Ensino Fundamental**. Disponível em <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2011/06/Relato-2->

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.

[Contribui%C3%A7%C3%B5es-para-a-leitura-liter%C3%A1ria-de-educadores-das-s%C3%A9ries-iniciais-do-Ensino-Fundamental-LIED.pdf.>](#) Acesso em 17/09/2012.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria & prática**. Campinas-SP: Pontes, 2007.

KRAMER, Sônia; SOUZA, Solange J. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em Educação**. São Paulo: Ática, 1996.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Campinas – SP: Autores Associados; ANPED, n. 19, p. 20-28, 2001. Disponível:http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROS_A_BONDIA.pdf>.

MORAES, Ana Alcídia de A. Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação In: SILVA, Lílían Lopes Martin da (Org.). **Entre leitores: alunos, professores**. Campinas, São Paulo: Komedi: Arte Escrita, 2001.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1997.

PAULINO, G. **Algumas especificidades da leitura literária**. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 55-70.

SOARES, Antonina Mendes Feitosa; SOBRINHO, José Augusto Carvalho Mendes. **Autobiografia e formação docente: caminhos e perspectivas**. Disponível em: http://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/09/soares_autobiografiaformacaodoce nte.pdf. Acesso em 28/12/2013.

SOARES, Magda Becker. **Ler, verbo transitivo**. 2004. Disponível em http://www.leiabrasil.org.br/old/leiaecomente/verbo_transitivo.htm > Acesso em agosto de 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O Conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

¹ Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e professora pesquisadora do PARFOR/UFRB – Bolsista da Capes – Membro do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral/UNEB, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva. E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.com.

² Graduandas de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/CFP. Emails: diana_gf14@hotmail.com; erikadkinha@gmail.com; rosamary200@hotmail.com.